

'Fogo amigo' abre crise no BC e provoca saída de Ilan Goldfajn

Diretor de Política Econômica do Banco Central deve anunciar a demissão hoje

BEATRIZ ABREU
e ARIOSTO TEIXEIRA

BRASÍLIA - A divergência pública de integrantes do governo, em torno das taxas de juros, precipitou a decisão do diretor de Política Econômica do Banco Central (BC), Ilan Goldfajn, de deixar o cargo. Ele deve anunciar a demissão hoje, concretizando um desejo que já havia manifestado ao presidente do BC, Henrique Meirelles, e ao ministro da Fazenda, Antônio Palocci.

Um dos últimos remanescentes da equipe técnica do BC do governo anterior, e responsável pela implantação do modelo de metas de inflação, Ilan tinha a saída administrada para ocorrer em data mais favorável ao governo. Mas ele ficou descontente com as pressões pela queda da taxa dos juros, que enfraquecem a política de combate à inflação. Segundo o mercado, ele se ressentiu da falta de mais ênfase na busca da meta de inflação de 8,5% este ano. "Ele está bastante desestimulado", disse uma fonte da área econômica.

O ministro Palocci conduziu pessoalmente as conversas com Ilan, para demovê-lo de sair agora, mas esgotou seu estoque de argumentos. Além disso, o governo tinha informações de que Ilan, um acadêmico, já teria caminho definido no setor privado. As versões para a saída do diretor, que começaram a circular em Wall Street, ressurgiram ontem no mercado brasileiro.

As críticas de integrantes do governo causam desconforto na área técnica da equipe econômica, preocupada com os efeitos do "fogo amigo" incessante das últimas semanas, que "cria tumulto e espuma desnecessários". O presidente Luiz Inácio Lula da Silva pontuou o tom das críticas, conseguiu aplacar a ânsia do senador e líder do governo, Aloizio Mercadante (PT-SP), calou o ministro do Planejamento, Guido Mantega, mas estabeleceu a ambiguidade no discurso oficial, ao credenciar o vice-presidente José Alencar como voz autorizada para manifestar-se sobre o assunto.

A dificuldade de o governo conter as declarações de seus partidários – como os radicais – e do vice José Alencar, cria uma situação constrangedora entre os técnicos, pouco acostumados a um debate público tão intenso sobre temas econômicos historicamente tratados de forma reservada. Para esses técnicos, o debate nas ruas cria dificuldades para a compreensão das ações do governo.

As críticas do vice-presidente José Alencar à competência do Banco Central na formulação das taxas de juros foi um novo desalento. "É claro que conviver diariamente com o 'fogo amigo' não é nada agradável. Se pelo menos fosse a oposição...", disse um deles. O ministro Palocci sabe que tem de conviver com essa situação, o que não significa que concorde com o "fogo amigo".

Palocci não irá hostilizar Alencar porque há um conjunto de argumentos que justificam a liberdade de ataque do vice-presidente, também representante da voz empresarial. "Ele sempre pensou assim. Isso não é novo", dizem os assessores.